

Vilas Boas, Lucas Guedes. Fome oculta e seus liames como a economia, a política e a sociedade. *GeoGraphos* [En línea]. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante, 2 de septiembre de 2016, vol. 7, nº 90, p. 207-232. [ISSN: 2173-1276] [DL: A 371-2013] [DOI: 10.14198/GEOGRA2016.7.90].



<http://web.ua.es/revista-geographos-giecryal>

Vol. 7. Nº 90

Año 2016

FOME OCULTA E SEUS LIAMES COM A ECONOMÍA, A POLÍTICA E A SOCIEDADE¹

Lucas Guedes Vilas Boas
Doutorando em Geografia
Departamento de Geografia
Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte, Brasil)
Correio eletrônico: lucasguedes@nepomuceno.cefetmg.br

Recibido: 21 de enero de 2016. Aceptado: 2 de septiembre de 2016

RESUMO

Este artigo pretende discutir as principais causas da fome, sobretudo da fome oculta, conceito amplamente abordado por Josué de Castro em suas obras. Neste intuito, utiliza como exemplo a questão da fome oculta no Brasil. A fome oculta ocorre quando os indivíduos possuem carências nutricionais em seus regimes alimentares,

¹ Este artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada “Segurança Alimentar e Relações Capitalistas no Campo e na Cidade: O Exemplo de Nepomuceno-MG”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

comprometendo sua saúde e qualidade de vida, incidindo em diversas enfermidades associadas à alimentação precária. Neste sentido, a pesquisa abordará aspectos econômicos, sociais e políticos que dificultam o acesso à alimentação, principalmente dos indivíduos despossuídos de meios de produção. Ademais, almeja-se mostrar como o modo de produção capitalista, o qual tem a desigualdade como uma de suas principais características, favorece a ampliação dos casos de fome e fome oculta em escala mundial, além de utilizar estratégias que estimulam o consumo de alimentos industrializados, de baixo teor nutricional, provenientes das grandes empresas transnacionais e multinacionais.

Palavras chave: Fome oculta, economia, capitalismo, sociedade.

HIDDEN HUNGER AND ITS BONDS WITH THE ECONOMY, POLITICS AND SOCIETY

ABSTRACT

This article aims to discuss the main causes of hunger, mainly the hidden hunger, concept broadly approached by Josué de Castro in his works. In this intention, it uses as an example the issue of hidden hunger in Brazil. Hidden hunger occurs when individuals have nutritional deficiencies in their diets, affecting their health and quality of life, resulting in various diseases associated with precarious diet. In this sense, the research will approach economic, social and political aspects that hinder access to food, especially the dispossessed people of the means of production. Furthermore, aims to show how the capitalist mode of production, which has the inequality as one of its main characteristics, favors the expansion of cases of hunger and hidden hunger in worldwide, as well as using strategies that encourage the consumption of processed foods, with low nutritional content, from large transnational and multinational companies.

Key words: Hidden Hunger, Economy, Capitalism, Society.

EL HAMBRE OCULTA Y SUS VÍNCULOS CON LA ECONOMÍA, LA POLÍTICA Y LA SOCIEDAD

RESUMEN

Este artículo pretende discutir las principales causas del hambre, sobretudo de hambre oculta, concepto ampliamente abordado por Josué de Castro en sus obras. Para este fin, se utiliza como ejemplo el problema del hambre oculta en Brasil. Hambre oculta ocurre cuando los individuos tienen deficiencias nutricionales en sus dietas, comprometiendo su salud y calidad de vida, repercutiendo en diversas enfermedades asociadas a la alimentación precaria. En este sentido, la investigación abordará aspectos económicos, sociales y políticos que dificultan el acceso a la alimentación, especialmente de los individuos desposeídos de los medios de producción. Además, se busca mostrar cómo el modo de producción capitalista, que tiene la desigualdad como una de sus principales características, favorece la ampliación de los casos de hambre y hambre oculta en escala mundial, además de utilizar estrategias que estimulan el consumo de alimentos

procesados, de bajo contenido nutricional, provenientes de las grandes empresas transnacionales e multinacionales.

Palabras clave: Hambre oculta, economía, capitalismo, sociedad.

INTRODUÇÃO

Conforme Houaiss e Villar (2009) apontam, o vocábulo fome pode representar coisas e situações distintas. No entanto, no que se refere ao tema aqui discutido, apenas três significados do termo apresentam-se de maneira coerente. Na primeira definição, é entendido como a sensação que traduz o desejo, a necessidade de comer. Na segunda, é concebido como a carência alimentar; subalimentação, subnutrição, aproximando-se bastante do conceito de fome oculta, o qual será posteriormente discutido. Já na terceira acepção, é compreendida como escassez, míngua de víveres, miséria.

Pela periculosidade do assunto, a fome foi um tabu na ciência por muito tempo, conforme assevera Castro (1957 b). Contudo, ela ainda o é, apesar de Castro (1957 b, p. 55-59) afirmar que se violou a interdição sobre a fome², pois ainda há uma imensa míngua quanto a trabalhos realmente impactantes sobre a temática. Acrescenta-se a isto o fato de que a maioria das obras referentes ao tema é apenas descritiva ou possui viés puramente biológico, sem adentrar nas questões de ordem social, política, cultural e econômica.

A moralidade contribuiu para que a fome fosse esquecida nas contendas científicas, visto que ela revela um instinto primário do ser humano, a urgência da alimentação. Isto assombra o mundo moderno, regido pela ditadura da razão.

A interdição a respeito do mote também foi motivada por razões de ordem político-econômica. As metrópoles buscaram ocultar a fome grassante nas colônias ou nos países recém-libertos do domínio colonial, porquanto não desejavam que as mazelas das práticas imperialistas fossem desveladas.

Nos tempos atuais, Freitas (2003) ratifica o silêncio vigente acerca da problemática da fome. Até mesmo entre a população famélica, estudada pela autora, a fome é um vocábulo escamoteado, substituído por outros termos e/ou símbolos. A autora ainda expõe que a necessidade do capitalismo em possuir um exército de reserva industrial de mão-de-obra promoveu o silenciamento acerca desta questão.

Nesta contextura, a leitura e a análise de referências bibliográficas atinentes à temática da fome, sobretudo da fome oculta, contribuiram para o alicerce teórico e metodológico desta pesquisa. Ademais, almeja-se atrelar a problemática da fome aos aspectos políticos, sociais e econômicos da sociedade atual, sobretudo sob a égide do modo de produção capitalista, o qual é pautado na desigualdade, sobretudo no acesso aos bens e meios de produção, conforme assevera Marx (1983).

² É inegável que, conforme expôs Castro nesta mesma obra, após as Revoluções Socialistas na China e na Rússia e, posteriormente, na Primeira e na Segunda Guerras Mundiais, elevou-se o quantitativo de obras científicas ou não relativas à fome. Contudo, apesar de tal acréscimo, não se pode afirmar que o tabu referido foi totalmente desconstruído.

DESENVOLVIMENTO

É a partir de meados do século XX que a atenção mundial começa a se voltar para a problemática da fome. Guedes (2011) demonstra que em 1962, a ONU cria o Programa Alimentar Mundial buscando solucionar os problemas de países como a China, que possuíam milhões de habitantes com alimentação precária. Apesar disto, a temática aqui debatida ainda não tem o destaque merecido nos estudos em escala mundial, mesmo possuindo suma importância à humanidade.

Em consonância com Castro (2007), disserta-se que na mentalidade humana, a fome age como um fenômeno cíclico, apresentando crises e melhoras periódicas. No começo do processo de fome, este causa incomum nervosismo e exalta os sentidos, sobretudo a visão e o olfato, no intuito de saciar o desejo de alimentar-se. Neste momento, o homem se aproxima criticamente dos demais animais.

A fome afeta o comportamento mental humano, que se volta somente à necessidade de comer, conforme mostra Castro (1957 b). Após o período de maior irritabilidade, o indivíduo famélico sofre de um estado depressivo, mais quieto, em que possui enormes dificuldades de foco ou atenção em algo. Posteriormente, quaisquer moralidades ou escrúpulos são perdidos.

Neste mote, o autor ratifica a maneira como a fome atua sobre a personalidade dos seres humanos. Para ele, a fome impede uma atenção, um esforço mental mais prolongado, atrapalhando o desenvolvimento intelectual dos infantes. Em seu afamado romance intitulado “Fome”, Hamsun (1977, p. 130-132) narra um caso em que ele não conseguiu executar um cálculo simples, ao qual resolveria normalmente com facilidade. Tal situação denota o impacto da má alimentação na capacidade intelectual do ser humano. Posteriormente, o autor se irrita profundamente pela incapacidade de realizar uma operação matemática simples. Acerca dos jejuns prolongados, o próprio Hamsun (1977, p. 19) articula:

Eu observara muito bem que, se jejuasse durante um período bastante longo, era como se os miolos me escorressem suavemente do cérebro, esvaziando-o. A cabeça tornava-se leve, como que ausente; já não lhe sentia o peso sobre os ombros; e, se olhava para alguém, tinha a sensação de que meus olhos estavam fixos, arregalados.

Utilizando-se de linguagem figurada, o autor descreve algumas das sensações e perturbações decorrentes das situações de fome, sobretudo em seus estados mais críticos. Acerca do temor da fome, Freitas (2003) demonstra que mesmo ante o alimento na mesa, muitos indivíduos se sentem aterrorizados pela fome, pois não têm certeza sobre o suprimento contínuo de alimentos, sabendo que provavelmente será algo temporário.

Houve por muitas décadas uma tendência em naturalizar o problema da fome, tornando-o algo meramente biológico. Um dos principais expoentes destas ideias foi Malthus (1983), ao afirmar em sua obra que a população aumentaria numa ordem de progressão geométrica, enquanto a produção de alimentos cresceria em progressão aritmética. Em

seus escritos, ele apregoava um acréscimo populacional muito superior à elevação da capacidade produtiva de alimentos. Portanto, em sua ótica, o excedente populacional era culpado pela fome que assola o planeta Terra. Neste sentido, ele ofereceu o aporte teórico necessário à formulação de políticas de controle de natalidade.

Assim, a obra malthusiana não compreendia que a fome era ocasionada pela díspar distribuição de renda e de alimentos, olvidando-se dos aspectos sociais e culturais componentes deste problema. No entanto, de modo dessemelhante ao pensamento do autor, a produção alimentícia global elevou-se exponencialmente, em uma proporção muitas vezes maior ao acréscimo do quantitativo populacional mundial. Tal ampliação da produtividade alimentar é decorrente dos avanços tecnológicos propiciados pela Revolução Verde, que apesar deste ganho produtivo, elevou desmedidamente a insalubridade da alimentação em âmbito planetário, sobretudo através do uso dos agrotóxicos.

Ademais, Malthus também se equivocou no tocante ao aumento populacional. Enquanto ele defendia a tese do crescimento populacional mundial em progressão geométrica, foi verificada a redução gradativa das taxas de aumento populacional globo afora, conforme se pode constatar pelos indicadores de algumas nações, que já apresentam taxas anuais de decréscimo do número total de habitantes.

O desconhecimento popular quanto ao valor nutricional dos alimentos contribui para a má qualidade de sua dieta. Concernindo ao teor qualitativo da alimentação, Freitas (2003) mostra como a questão do paladar é valiosa em alguns regimes alimentares, visto que em algumas famílias por ela estudadas, parte significativa do orçamento é destinada à compra de temperos para os pratos preparados.

Castro (1957 a) enunciara um paradoxo que prevalece até hoje. As nações exportadoras de enormes quantidades de alimentos possuem elevado contingente de indivíduos famélicos. Em sua obra, almejou realizar um estudo geográfico da fome, o qual julgava necessário e inexistente. Um de seus méritos foi desnaturalizar o problema da fome. Decorrido mais de meio século do lançamento das principais obras de Castro, os escritos referentes à fome ainda são exíguos.

Contudo, é válido mencionar as políticas estatais de combate à fome em solo brasileiro. Através do programa Fome Zero criado pelo governo federal, o país conseguiu retirar um expressivo percentual de sua população da miséria absoluta e do estado de fome global ou total³. No ano de 2014, um relatório da FAO (2014, p. 23-26) anunciou a saída do Brasil do Mapa da Fome, enaltecendo o “Fome Zero” como o principal responsável por este quadro. Portanto, este fato corrobora a redução dos índices de fome absoluta no país, acarretada pelas melhorias efetuadas no acesso aos alimentos, sobretudo em decorrência das políticas assistencialistas.

Dialogando acerca de uma alimentação adequada, Josué de Castro (1957 a, p. 59) ainda pronuncia que esta:

³ Em consonância ao uso dos vocábulos realizado por Josué de Castro em *Geografia da Fome* (1957 a) e *Geopolítica da Fome* (1957 b), neste texto os termos fome global, fome total e fome aguda serão utilizados para indicar o mesmo fenômeno, a escassez quantitativa de alimentos nas dietas. Para além, as expressões fome oculta, fome específica e fome parcial serão usadas como sinônimos, para designar os quadros de deficiências nutricionais crônicas presentes nos indivíduos que saciam a necessidade quantitativa de alimentos, mas padecem com carências em determinados minerais e vitaminas.

Deve conter um total de energia correspondente às despesas do organismo, a fim de ser julgado suficiente. Deve encerrar os diferentes elementos de que o organismo necessita para seu crescimento e equilíbrio funcional, para ser completo. Só será harmônico se estes diferentes elementos entrarem em sua composição em determinadas proporções.

Por conseguinte, conforme explicitado no excerto retrocitado, uma dieta ideal é aquela que forneça em quantidade apropriada ao ser humano, os nutrientes aos quais ele precisa para o desempenho de suas atividades e funções orgânicas vitais. Com relação às deficiências nutricionais, Castro (1957 b) relata que as fomes ocultas podem ser de minerais, proteínas, vitaminas, entre outros elementos. Para além, as carências alimentares aparecem em geral associadas, sendo esporádicos os casos em que se apresentem de maneira isolada. Tal situação é alarmante, pois muitas patologias derivam da complexa junção de duas ou mais deficiências nutricionais.

Ademais, Castro (1957 b) salienta que o alimento é o mais eficaz dos antibióticos, pois protege o ser humano de todos os ataques microbianos. Também indica como uma possível medida para a atenuação das fomes ocultas a incorporação de alimentos ainda não utilizados nas dietas humanas, porém, riquíssimos em variados nutrientes.

No tocante ao fenômeno da fome oculta, ressalva-se que este também incide sobre populações de nações consideradas economicamente desenvolvidas e até mesmo, em indivíduos com elevado poder aquisitivo, como no caso dos Estados Unidos. Castro (1957 a, p. 41) demonstra que:

Como veremos oportunamente, numa extensa área dos Estados Unidos da América, no seu velho Sul agrário, continua muita gente a morrer de fome, continuam a manifestar-se entre as populações locais graves doenças, causadas unicamente pela falta de uma alimentação adequada.

O excerto acima evidencia a desigualdade regional existente no contexto estadunidense, com a porção sul do país, outrora pertencente ao México, padecendo com enfermidades mais agravadas decorrentes de problemas alimentares. Ademais, sublinha-se que até mesmo as áreas de maior vigor econômico desta nação possuem indivíduos em situação de fome oculta.

Castro (1957 b) demonstra que as fomes específicas são fabricadas pelo ser humano. Para além, aponta a monotonia alimentar como uma das causas da fome oculta. Neste quesito, ela se assemelha à insegurança alimentar, visto que a reduzida diversidade de gêneros alimentares consumidos reverbera em ambas as situações.

Em consonância com as ideias de Peiter (2005, p. 88), pode-se afirmar que um dos principais problemas da insegurança alimentar é o quadro de avitaminoses e de desnutrição aos quais alguns grupos se encontram. Essas circunstâncias de carência nutricional debilitam o organismo humano e favorecem a ocorrência de diversas

patologias, conforme asseveram as obras de autores como Josué de Castro (1957 a), Friedrich Engels (1985), entre outros.

Castro (1957 b) advoga que a alimentação deficitária interfere no desenvolvimento e no crescimento dos indivíduos, que apresentam estatura e peso inferiores às pessoas que se nutrem de modo saudável. Tais estados de déficit nutricional podem ser concebidos como situações de fome oculta, conforme a denominação usada por Josué de Castro (1957 b, p. 90-91). Acerca dos atrelamentos entre insegurança alimentar e fome, Simoncini *et al* (2011, p. 2) afirmam:

A fome não deve ser tratada somente como um problema técnico de subnutrição e nutricional, mas sociopolítico, que está diretamente ligada à questão da segurança ou insegurança alimentar. O problema da fome, ou especificamente da segurança ou insegurança alimentar, está relacionado à política fundiária e agrícola desenvolvida no Brasil no período pós-Segunda Guerra, mas existiu no período colonial e imperial e manteve-se em todo processo geo-histórico da república.

Acrescenta-se ainda ao intervalo em destaque, o fato de que a fome é um problema de ordem econômica, pois está diretamente vinculada aos aspectos produtivos do modo de produção capitalista. A fome oculta está presente tanto na cidade, quanto no campo. Ela indica qualquer estado de deficiência nutricional no organismo humano. Josué de Castro (1957 b) explica com limpidez as minúcias presentes no fenômeno da fome específica, bem como suas causas e consequências. O próprio autor (1957 b, p. 90-135) denuncia os principais fatores causadores do fenômeno da fome oculta, enfatizando que a escassa variedade alimentar de muitos povos é uma das culpadas pelos seus deletérios estados de carência nutricional. Quanto à fome oculta, Vilas Boas (2013, p. 41) pronuncia:

Não obstante, existe outro tipo de fome, se é que assim pode dizer. É a fome oculta ou fome parcial, que vem a atingir parcelas representativas das populações de diversos países, até mesmo os desenvolvidos, como por exemplo, os Estados Unidos. A fome oculta representa o estado em que a pessoa come, saciando o desejo de se alimentar, mas não se nutre.

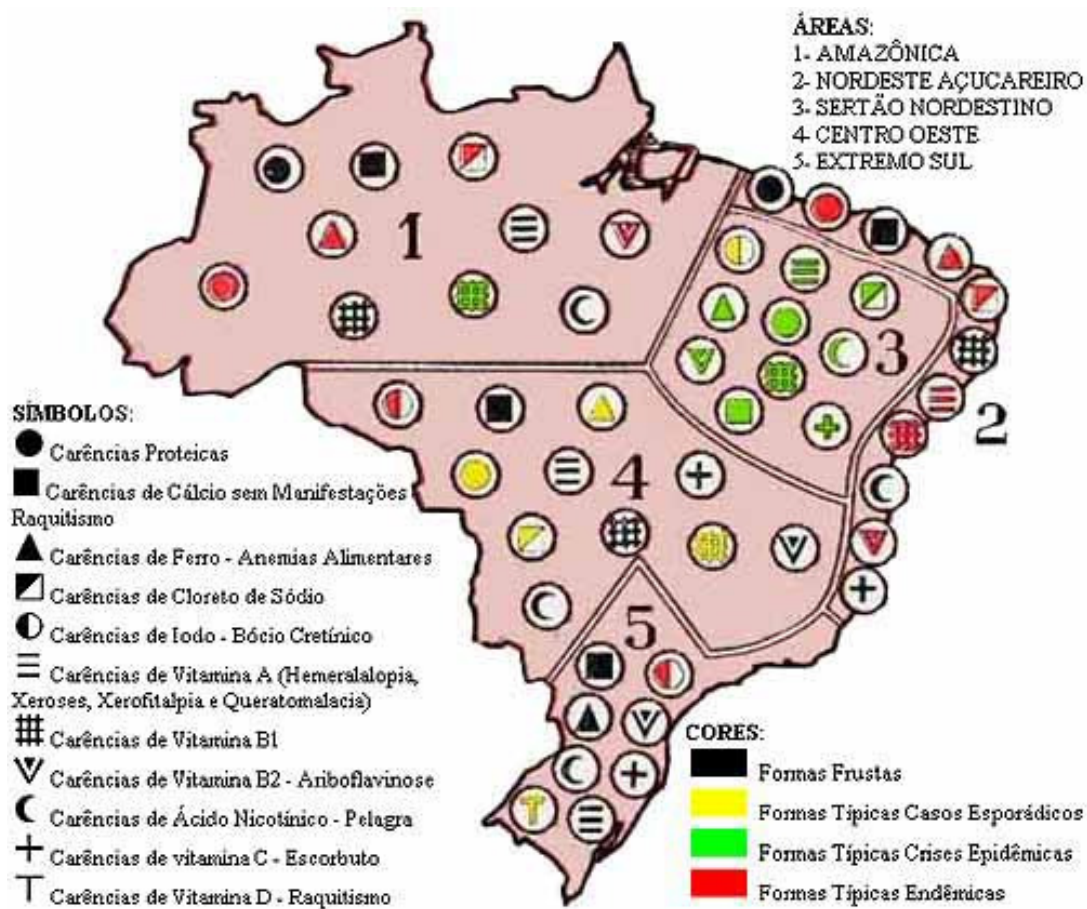
Atualmente, há um aumento díspar nos casos de fome oculta, em virtude de alguns fatores, como a desigualdade de renda salarial, a pobreza, o ritmo acelerado do modo de vida urbano, a pouca variedade das dietas alimentares, entre outros. Enquanto a produção alimentícia global não cessa de crescer, os casos encontrados de insegurança alimentar e fome oculta continuam se ampliando significativamente.

À época, Castro (1957 a) mostrou que aproximadamente sessenta milhões de latinoamericanos sofriam com uma ou mais carências nutricionais, reverberando na incidência de algumas moléstias. Ele retratou também a fragilidade da dieta alimentar do brasileiro, responsabilizando aspectos sociais, econômicos e culturais por tal fato, pois a extensão territorial do Brasil, aliada à sua diversidade climática, edáfica e biogeográfica, é mais que suficiente para o suprimento de todas as necessidades

nutricionais de sua população.

Com relação às deficiências nutricionais decorrentes de regimes alimentares pobres em determinados nutrientes, merece ênfase o mapa elaborado por Josué de Castro (Figura 1), abaixo exposto, no qual o autor espacializa as principais carências nutricionais encontradas pelo território brasileiro.

Figura 1. Mapa das Principais Carências Existentes nas Diferentes Áreas Alimentares do Brasil



Fonte: Extraído de: CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome*. 5ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1957 a.

No cartograma acima, Josué de Castro (1957 a) regionaliza o país em cinco áreas alimentares: Amazônia, Mata do Nordeste ou Nordeste Açucareiro, Sertão Nordestino, Centro-Oeste e Extremo Sul. O autor explica que as áreas da Amazônia, do Sertão e da Mata Nordestina são locais nitidamente de fome. O critério utilizado na obra para formular tal consideração é o de que, ao menos metade de sua população esteja em estado de fome, global ou oculta, seja de modo endêmico ou em surtos epidêmicos.

O autor considera as regiões da Amazônia e do Nordeste Açucareiro como áreas de

fome endêmica no país, enquanto o sertão nordestino é ponderado como um local onde a fome ocorre de maneira episódica, apesar das adversidades climáticas vivenciadas periodicamente pelo nordestino. Sobre tal questão, o autor (1957 a, p. 161) delinea:

Infelizmente, as sêcas periódicas, desorganizando por completo a vida econômica e social da região, extinguindo as fontes naturais de vida, crestando as pastagens, dizimando o gado e arrasando as lavouras, reduzem o sertão a uma paisagem desértica, com seus habitantes morrendo à míngua de água e de alimentos. Morrendo de fome aguda ou escapando esfomeados, aos magotes, para outras zonas, fugindo atemorizados à morte que os dizimaria de vez na terra devastada.

Com relação à passagem destacada, cabe frisar que o sertanejo, apesar de todos os contratempos geográficos existentes, consegue obter uma alimentação que lhe assegure a maioria dos elementos necessários ao seu organismo, mesmo sua dieta não sendo abundante. Josué de Castro demonstra que isto se evidencia no seu tipo físico, mais longilíneo se comparado ao nordestino das zonas canavieiras.

O autor narra que durante as secas prolongadas, uma tática de sobrevivência é a diminuição da variedade alimentícia, em prol de seu aspecto quantitativo. Nestes períodos, diversas plantas e rebanhos se extinguem, devido à escassez hídrica. Referindo-se à problemática das estiagens no sertão nordestino, em discurso proferido na Câmara Federal em 1956, Josué de Castro (1957 c, p. 106-107) pronuncia:

Porque há coisas muito piores do que a seca no Nordeste: o latifundiarismo e o feudalismo agrário, por exemplo. A seca é um fenômeno transitório, mas o pauperismo no Nordeste é permanente. Não bastam, portanto, medidas transitórias de emergência, contra a supôsta seca: são necessárias medidas de profundidade, medidas estruturais que modifiquem realmente os alicerces econômicos da região nordestina...

O intervalo supramencionado, extraído da fala do autor, é basilar na explicação dos motivos da fome no contexto nordestino. Inicialmente, deve-se grifar que a fome ainda paira sobre todas as regiões do país, sem quaisquer exceções. Áreas de condições climáticas propícias a diversos cultivos agrícolas também padecem com problemas de cunho alimentar. Por conseguinte, apregoa-se que as medidas de combate à fome não devem volver-se somente à mitigação das secas, mas sim serem direcionadas à alteração da estrutura econômica, sobretudo a agrária, vigente na nação.

Enquanto prevalecerem sobre o território brasileiro relações econômicas notadamente capitalistas, a pobreza perambulará pelo país. Uma artimanha dos estadistas e dos capitalistas, sejam do setor industrial ou do agrícola, é imputarem ao clima a culpa de fenômenos originados por razões visivelmente sociais.

Neste ponto, a problemática da atribuição da fome no Nordeste do país ao clima semi-árido se sobressai, visto que a porção litorânea do território nordestino, de condições

climáticas propícias a diversas culturas alimentícias, sofre com formas endêmicas características de déficits nutricionais. Isto é latente na obra de Josué de Castro, nos livros “Documentário do Nordeste” (1957 c) e “Homens e Caranguejos” (2003), nos quais ele retrata as principais características da fragílissima dieta alimentar dos caranguejeiros.

Castro (1957 b) comenta que num regime severo de fome, o mestiço do nordeste brasileiro baseia sua dieta anual na mistura de feijão com farinha de mandioca, mesmo vivendo nas férteis terras canavieiras de solo massapê. À custa da degradação da população local, os portugueses obtiveram elevadíssimos rendimentos no empreendimento de seus engenhos.

Portanto, tal constatação demonstra que o clima não é o culpado pelo pauperismo e pela fome imperantes nesta região do país. Suas causas são iminentemente sociais, políticas e econômicas, corroboradas pelo desigual acesso à renda e à posse dos meios de produção. Em sua obra, Castro (1957 b) acentua a desigualdade de renda como causadora da fome, da miséria e do pauperismo.

Nas outras duas áreas da representação cartográfica acima discutida, Centro-Oeste e Extremo Sul, a fome atinge apenas parcelas específicas das populações, não afetando a sua maioria. Tal característica é típica do modo de produção capitalista, que diminui significativamente a qualidade da alimentação dos indivíduos, sobretudo das classes com menores dividendos, despossuídas de meios produtivos.

O caso da área denominada por Josué de Castro como Nordeste Açucareiro exemplifica algumas minúcias presentes em diversas localidades afetadas pela fome oculta, bem como suas causas e consequências. O escravo negro cultivava outros gêneros em meio à monocultura canavieira, contribuindo para a minimização das carências alimentares.

Exemplo latente da policultura desenvolvida por eles é o quilombo de Palmares, no qual havia variedade da produção agrícola de subsistência. Palmares foi um dos maiores exemplos de resistência camponesa e de luta pela terra no Brasil. A respeito, Freyre (1961) assinala que, distintamente do propagado por muitos, Palmares foi uma mostra da aptidão do africano para a agricultura.

Cardoso (1979) foi outro autor que salientou a importância dos escravos para a agricultura e a alimentação no país. Em sua obra, ele utiliza a expressão *brecha camponesa* para se referir àquelas atividades econômicas não abarcadas pelo *plantation*, como as economias de subsistência organizadas pelos quilombolas nos quilombos e/ou nos pequenos terrenos concedidos pelos senhores aos escravos para a agricultura de subsistência. Estes dois modos da brecha camponesa coexistiram no Brasil colônia, onde não houve, em larga escala, o cultivo de hortas domésticas.

Tanto as práticas agrícolas desenvolvidas nos quilombos, como aquelas desempenhadas nos lotes instaurados nas grandes fazendas e nos engenhos, disseminaram-se para outras áreas do país, impactando a agricultura nacional. Para além, muitos dos alimentos por eles lavrados adentraram a culinária brasileira e a dieta do povo brasileiro, devido aos seus sabores e aos seus valores nutricionais.

A concessão de pequenos lotes de terras aos escravos era uma maneira de promover e assegurar a reprodução deste tipo de mão de obra. A redução da jornada de trabalho, em

alguns casos, representa uma tentativa de ampliar o tempo livre do cativo para o cultivo de sua terra.

Embora alguns escravos possuíssem algum tempo para o cultivo de suas hortas, este era determinado pelo senhor e, geralmente, não supria todas as suas necessidades, nem a de seus familiares. Isto diferenciava o escravo do servo. Cardoso (1979) ressaltou que as atividades autônomas dos escravos não eram preponderantes, visto que prevaleciam aquelas pertencentes ao regime escravista.

Neste sentido, o autor demonstrou que as estruturas internas das colônias latinoamericanas não eram dependentes apenas das metrópoles, mas que possuíam aspectos derivados dos povos nativos e/ou trazidos, como os escravos africanos. Dentro do sistema escravocrata, o papel do escravo foi muito além de mera mercadoria ou força de trabalho, conforme se enfatizou nas linhas anteriores.

Ademais, os proprietários fundiários criaram inúmeros mitos para evitar que os escravos consumissem determinados alimentos, como manga, melancia, entre outros. Tal fato colaborou para ampliar a monotonia alimentar destes grupos e seus déficits nutricionais.

Alguns ingredientes representativos da culinária nordestina, como o óleo de dendê e a pimenta, previnem seus habitantes contra avitaminoses típicas da região, por conterem quantidades expressivas de vitaminas, como a A e a C. O caso é basilar no sentido de enaltecer a importância da inserção dos hábitos alimentares dos negros africanos⁴ na alimentação do brasileiro, enriquecendo-a.

Na área da cultura canavieira, a alimentação era paupérrima, com ínfima variedade na alimentação. A dieta alimentar predominante era insuficiente em verduras, frutas, leites e derivados, repercutindo em inúmeras patologias, decorrentes de deficiências em proteínas, cálcio, vitaminas do complexo B e C, entre outras. Soma-se a isto o valor calórico fornecido pelos alimentos diariamente ingeridos por estes homens e mulheres, frequentemente inferior à necessidade energética de seus organismos. Portanto, na zona da mata nordestina há a dicotomia de uma região com solo de elevada fertilidade habitada por trabalhadores famélicos.

A precariedade da alimentação também se deve, em parte, à péssima remuneração recebida pela porção majoritária dos trabalhadores, algo comum no panorama brasileiro há muitos séculos. Acrescenta-se a isto o fato de que, durante o século XIX e no início do XX, o lançamento dos dejetos dos engenhos nos recursos hídricos da área gerou a mortandade de peixes na região, favorecendo a piora na alimentação dos residentes locais, ampliando os quadros de insegurança alimentar e de fome oculta.

A produção açucareira aumentou expressivamente o quantitativo populacional na área, deteriorando a situação alimentar, devido à elevação da densidade demográfica. Ante o contexto explicitado, o açúcar permite a visualização do modo como aspectos econômicos influenciam na alimentação dos seres humanos. Castro (1957 a) salienta

⁴ Josué de Castro, em seu livro “Documentário do Nordeste”, dedica um capítulo apenas para ressaltar a valorosa influência do negro na alimentação brasileira, contribuindo bastante para a mesma, ao trazer maior diversidade às dietas dos brasileiros. O autor ainda retrata que a culinária negra foi a mais coerente com as condições de vida do povo brasileiro. Ademais, expõe a frequência com a qual os escravos cultivavam seus pequenos roçados sem o conhecimento dos senhores da casa grande, repercutindo na melhoria de seus regimes alimentares e difundindo costumes culinários que permanecem vivos no país.

que a área cacaueteira monocultora foi assolada praticamente pelos mesmos distúrbios alimentares da porção canavieira, apontando inúmeras similaridades existentes entre as áreas, relativas à temática aventada.

Freyre (1961) ratifica isto, afirmando ser a monocultura a causa de muitas fomes no nordeste agrário. Para o autor, a alimentação deficitária que o nordestino possuía, vinculada à ínfima diversidade de gêneros consumidos e às miseráveis remunerações pagas, incidia em diversas patologias, responsáveis pela dizimação de significativo quantitativo de população nesta área.

A carência de ferro na alimentação e no organismo dos indivíduos estudados por Josué de Castro (1957 a) era elevadíssima, reverberando na alta incidência de anemia. O autor relata a prática de geofagia⁵ por parte dos locais, visto que as terras da região são riquíssimas em ferro. Já a deficiência proteica, também muito comum nas regiões por ele analisadas, afeta o crescimento dos indivíduos, que muitas vezes, apresentam baixíssima estatura.

Sublinha-se aqui, que a reduzida estatura dos indivíduos na porção litorânea do Nordeste não possui somente motivos sociais, sendo também causada por razões biológicas. Corroborando a afirmação acima, está a constatação de que o negro trazido da África como escravo era, em sua maioria, de tipo físico baixo e forte, para tolerar o árduo trabalho nos engenhos. Freyre (1961), em “Nordeste”, corrobora tal afirmativa, mostrando que a escolha de escravos para as lavouras açucareiras foi feita procurando os mais propícios a este tipo de trabalho. Ademais, também mostra que prevaleciam entre os eleitos aqueles de menor estatura, porém com musculatura realçada, ideal ao trabalho que seria realizado.

Conforme enuncia Picchi (2010), o “Homem Gabiru”, identificado e amplamente noticiado pelos meios midiáticos no ano de 1991, assombrou o país em virtude de sua altura reduzida, resultado do nanismo provocado pelo seu estado de desnutrição, decorrente da miséria em que vivia. Por algum tempo, o trabalhador agrícola Amaro João da Silva, cuja alcunha “Homem Gabiru” remete a indivíduos de baixa estatura, teve esperanças de melhorias em sua qualidade de vida, em razão das inúmeras reportagens da qual era personagem. Ademais, o vocábulo gabiru faz alusão a uma espécie de rato comum no nordeste do Brasil, pois os homens assim nomeados sobrevivem do lixo, assim como os roedores. Contudo, atualmente a condição de vida de Amaro não é muito diferente da verificada há vinte e quatro anos. Ainda vive na miséria, com graves deficiências em seu regime alimentar, as quais são levemente amenizadas em virtude do recebimento de assistência financeira fornecida pelo programa estatal Bolsa Família.

Algumas vezes, o fato de alimentar-se com terra denota perturbações psíquicas no ser humano. Em seu livro, Josué de Castro (1957 a) relata que a fome gera agitações no psicológico do ser humano, alterando seu comportamento, corroendo-lhe a mente. Exaltam-se os instintos animais e a obsessão incessante de alimentar-se o expõe a inúmeros riscos. O autor demonstra que é cientificamente comprovado o estreito vínculo entre algumas carências nutricionais e problemas ou enfermidades de ordem psíquica. Neste ponto, insegurança alimentar e fome oculta têm algo em comum, pois

⁵ Em sua “Geopolítica da Fome”, Josué de Castro concebe a geofagia como uma defesa instintiva do organismo humano para a insuficiência em ferro, geradora de quadros anêmicos.

ambas afetam o psicológico dos indivíduos por elas atingido.

Knut Hamsun (1977) retrata as constantes variações do quadro emocional de quem passa fome, em momentos de nervosismo, quietude, morbidez, entre outros. Na obra, o autor discorre sobre o sofrimento de longas horas sem se alimentar e as dificuldades encontradas na busca por saciar a fome. Em muitas situações da obra, o autor revelara um comportamento perturbado e angustiado e descrevera diversos acessos súbitos de raiva.

Freitas (2003) explana que a sensibilidade em relação à fome varia de pessoa para pessoa. Os indivíduos analisados em sua pesquisa desvelam as perturbações mentais causadas pela fome, ao relatarem que esta causa a perda do juízo. Em algumas pessoas por ela entrevistadas, destacam-se nitidamente a indignação e o sentimento de revolta ocasionados pelos estados de fome em que se encontram.

Ademais, no estudo realizado acerca do bairro Péla, uma aglomeração urbana muito pobre localizada na cidade de Salvador, a autora notou que a angústia e a confusão mental trazidas pela fome incitam o indivíduo ao consumo ou à venda de drogas lícitas ou ilícitas. Muitas vezes, a utilização de substâncias, como o álcool, a cocaína, o *crack*, entre outros entorpecentes, aparece como uma medida atenuadora das escabrosas sensações causadas pela fome ao organismo humano. Neste sentido, pode-se citar o relato de Engels (1985) acerca do alcoolismo entre os proletários da Inglaterra, inclusive crianças, no qual ele descreve as formas como os operários utilizavam a ingestão de bebidas alcoólicas para minimização dos efeitos da fome.

A sensação de fome é dessemelhante de um sujeito para outro. Neste âmbito, na pesquisa de Freitas (2003), alguns indivíduos revelaram ter vergonha do fato de sentirem fome. Isto ratifica o impacto por ela provocado no psicológico humano. Muitas vezes, como já salientado, a justificativa alegada para o uso de narcóticos é a de que eles escamoteiam e/ou minimizam os abalos mentais sofridos pelas pessoas com distúrbios ou déficits alimentares.

Superstições, restrições e proibições alimentares também interferem nas situações de fome oculta. Religiões como o islamismo, o judaísmo, o budismo, o janaísmo, o hinduísmo, entre outras, vetam o consumo de determinados alimentos, sobretudo de origem animal, favorecendo a ampliação das situações de carências nutricionais, sobretudo a proteica. A este respeito, Castro (1957 b) mostra que a fome proteica, em sua época, era a mais comum e generalizada das fomes específicas.

Neste mesmo âmbito, Deffontaines (1948) demonstra que determinados alimentos não são consumidos devido a proibições religiosas. Ele dedicou parte de seus estudos aos gêneros de vida, assim como La Blache. O autor compreende o gênero de vida como resultante de práticas efetivadas por um longo tempo, e da associação entre sociedade e o seu ambiente (entorno). Ele sublinha que o gênero de vida não decorre de ações únicas ou isoladas, mas de várias ações realizadas conjuntamente. Deste modo, na obra supramencionada, Deffontaines ressalta a maneira pela qual os gêneros de vida influenciam a alimentação e a religião dos povos.

MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA E FOME OCULTA

Aspectos econômicos estão intimamente vinculados com a questão alimentícia e, por conseguinte, com a saúde humana. Hodiernamente, a esfera financeira influencia significativamente o modo como as pessoas se alimentam e a quantidade de gêneros por elas consumidos.

Exemplo notório disto é a reverberação que a crise econômica de 2008 teve no setor alimentício, gerando uma anormalidade de grandes proporções. Conforme asseveram os escritos de Guedes (2011) e da FAO (2013), a atual recessão econômica repercutiu numa crise alimentícia de proporções inenarráveis, com especulação dos preços dos alimentos em âmbito mundial, acarretando assim, em surtos de fome e insegurança alimentar.

De acordo com Guedes (2011), a elevação dos preços dos alimentos em escala mundial, decorrente da crise econômica instaurada globalmente no ano de 2008, é a maior desde aquela acarretada pela Crise do Petróleo da década de 1970. Alguns comentários a respeito da atual recessão econômica são necessários. Inicialmente, é válido dizer que embora seja vulgarmente conhecida como crise de 2008, não se iniciou nesta data, remontando a um tempo passado.

Ela repercutiu em algumas consequências amplamente divulgadas pelos veículos midiáticos mundo afora, como a crise hipotecária nos Estados Unidos, prejuízos à União Europeia (com rebaixamento da massa salarial dos trabalhadores, aumento alarmante do desemprego, desvalorização do euro, entre outros fatos), o crescimento da China na economia mundial, entre outros.

Assim como disserta Harvey (2011), nos anos de 2006 e 2007, teve início nos Estados Unidos uma crise hipotecária, afetando todo o seu setor financeiro. Havia uma tendência até o ano de 2006 de um constante aumento nos preços dos imóveis no país. Aliás, existia a crença incontestável de que os preços imobiliários aumentariam eternamente. Pensando assim, os bancos e agências financeiras privadas em território estadunidense concederam empréstimos hipotecários de maneira muito facilitada, porém, com elevadas taxas de juros, promovendo o acesso ao crédito a pessoas de baixíssima renda salarial.

Assim sendo, milhões de estadunidenses não conseguiram quitar seus empréstimos e presenciaram a execução das hipotecas de suas moradias. Em 2007 e 2008, ocorre a bolha financeira imobiliária nos EUA, na qual os bancos perdem muito dinheiro com os penhores. Isso gerou o risco de falência do sistema bancário. O governo estadunidense interveio e injetou dinheiro no sistema bancário, além de comprar as dívidas dos bancos e instituições financeiras, tentando evitar a crise, mas não obteve êxito.

Contudo, ao assumir tais dívidas, os estadistas desta nação incorporaram estes penhores ao seu sistema financeiro, e conseqüentemente, às finanças globais. Com a crise hipotecária, há a queda nos preços e nas vendas no mercado imobiliário, além da perda de milhões de residências por causa das hipotecas, incidindo na degradação de áreas urbanas por todo o país, visto que por conta da expulsão dos moradores inadimplentes, criaram-se imensas áreas desocupadas em solo estadunidense. Isso também ocasionou a formação das *'tend cities'*, regiões constituídas por milhares de cidadãos despossuídos de residência após a aplicação das hipotecas.

A crise afetou também as finanças públicas na Europa, devido ao fato de que muitos bancos sediados nos Estados Unidos possuem filiais na Europa, e vice-versa. Por causa da atual integração do setor financeiro mundial, a crise se globalizou. Deste modo, os Estados nacionais europeus foram impulsionados pelos bancos e instituições financeiras em crise a investirem capital para sanarem suas dívidas. Destarte, como os governos passaram a utilizar o capital nacional para auxiliar o setor financeiro privado, faltaram recursos para questões estruturais, acarretando em inúmeros prejuízos à população, como desemprego, redução dos salários, entre outros. Isto repercutiu também na redução da verba aplicada em saúde e educação.

Uma das características marcantes da crise na Europa foi a desvalorização do euro, moeda adotada pela maioria dos países da União Europeia. Com a perda de valor do euro, a economia europeia praticamente entrou em colapso, causando uma série de demissões coletivas, falências de bancos, entre outros aspectos. A queda no valor do euro também acarretou na fuga de capitais, visto que muitas empresas passaram a aplicar seus investimentos em outros locais, sobretudo no Oriente (mormente a China), receando variação no valor da moeda europeia.

De acordo com McMichael (2009), a recessão econômica de 2007-2008, o foco maior nos investimentos no setor dos agrocombustíveis e a dependência do capitalismo industrial, bem como a especulação e a inflação dos preços dos alimentos, contribuíram para o agravamento do estado alimentar mundial. Portanto, a atual crise no setor alimentício deriva, em partes, da crise econômica. Isto mostra o profundo impacto que a globalização neoliberal possui contemporaneamente sobre a questão agrícola.

Assim como apregoam Porto-Gonçalves e Alentejano (2010), o avanço do agronegócio no contexto brasileiro, tanto para a produção de grãos para alimentação de rebanhos mundo afora, quanto para finalidades energéticas, promoveu o acréscimo na renda da terra, com conseqüente aumento do preço do solo. Com a expansão da agricultura de cunho empresarial, eleva-se a demanda por terras no país, ocasionando sua valorização. Neste caso, pode-se afirmar que o aumento da renda da terra incidiu em elevação dos preços dos alimentos, conseqüência esta resultante da especulação fundiária. Portanto, o agronegócio, associado a políticas neoliberais, inflacionou os preços dos alimentos.

Conforme expõem autores como Marques (2011) e Guedes (2011), no ano de 2008, os preços dos alimentos em escala mundial atingem patamares exorbitantes, mantendo-se em níveis altíssimos até os dias atuais. Assim, com a crise, um volume muito expressivo de capital proveniente de setores por ela afetados é direcionado ao agronegócio, para a produção de *commodities* alimentares ou não, com ênfase na produção dos agrocombustíveis.

Neste mote, Bravo (2007) ainda aponta que a maioria dos agrocombustíveis⁶ é oriunda de nações da Ásia, América Latina e África, com a utilização de terras de vocação agrícola, outrora utilizadas para a produção alimentícia, para fins energéticos. Indústrias multinacionais e transnacionais adquirem alargadas extensões de solo em países

⁶ Para a autora, o investimento nos agrocombustíveis auxiliará as indústrias do ramo de biotecnologia na tentativa de melhorar sua reputação em âmbito mundial, visto que nas últimas duas décadas, recebeu diversas críticas, muitas delas de organismos e cientistas vinculados à questão ambiental, devido à comercialização das sementes transgênicas. Algumas empresas biotecnológicas alegam que empregarão os transgênicos apenas para a produção de gêneros dirigidos ao setor energético, em virtude das inúmeras críticas direcionadas ao uso dos grãos modificados em laboratório para alimentação humana.

subdesenvolvidos, atravancando o acesso da população à terra. Destarte, colaboram para a piora nos quadros de fome global e oculta, bem como de insegurança alimentar de populações já acometidas pelas mazelas da fome.

Atualmente, é elevada a volatilidade dos preços dos alimentos em escala global. A inflação dos preços dos alimentos interferiu para o aumento dos casos de fome mundo afora, conforme assevera Guedes (2011). Ademais, também prejudicou a segurança alimentar global. Neste contexto, a crise alimentar global trouxe avarias mais severas às nações de menor renda. Nos dizeres de Maluf e Speranza (2013), a partir do ano de 2006, a volatilidade dos preços das *commodities* alimentares em escala mundial é ampliada, ressoando no encarecimento global dos preços dos alimentos, sem retorno aos valores anteriores. No Brasil, tal situação incide na inflação dos alimentos.

Segundo dados da FAO (2013), a recente crise econômica elevou o número de subnutridos mundo afora. O abrupto aumento dos preços dos alimentos ampliou o quantitativo de famintos em escala global. Neste caso, percebe-se como uma recessão de proporções globais, principiado pela aplicação de excedentes de capitais no ramo imobiliário em território estadunidense, repercutiu no agravamento dos problemas alimentares. No tocante ao assunto, Freitas (2003) expõe que a queda do poder aquisitivo da população reverbera em surtos de fome, pois é por intermédio da renda salarial que ocorre o acesso aos alimentos.

Conforme acentuam Maluf e Speranza (2013), algumas das causas da elevação dos preços dos alimentos em escala internacional são: a demanda crescente por alimentos nos países emergentes, nos quais é maior o percentual do salário gasto com a alimentação; a produção de grãos, como o milho e a soja, direcionada à geração de combustíveis; o acréscimo significativo no preço do petróleo, ressoando no aumento dos custos de transporte e de produção agrícola; a especulação financeira das *commodities*; a atenuação das taxas de crescimento das colheitas, entre outras.

As práticas de espoliação executadas pelos capitalistas têm sua parcela de culpa na recente problemática agrícola e alimentar. A acumulação por espoliação⁷ acontece através da expropriação das terras dos pequenos camponeses, da privatização de bens públicos, da substituição da agricultura familiar pelo agronegócio, entre outros processos. Destarte, considerando-se que a agricultura familiar é direcionada ao mercado interno, enquanto o agronegócio visa a exportação, pode-se afirmar que as estratégias espoliadoras prejudicam o abastecimento interno de alimentos, além de onerarem o seu valor, devido à diminuição na oferta e à necessidade de importação de alguns gêneros.

Com a questão da expropriação dos camponeses, pode-se afirmar que a espoliação é uma das responsáveis pelo aumento dos processos de desterritorialização em escala mundial, sobretudo impelindo milhões de indivíduos ao êxodo rural e submetendo-os ao regime assalariado de trabalho e à exploração capitalista.

⁷ A acumulação por espoliação pode ocorrer de variadas maneiras. Por isto, torna-se difícil tecer uma discussão abrangente sobre o tema em poucas linhas, visto que esta não é a temática central destes escritos. Maiores detalhes sobre as inúmeras estratégias de espoliação utilizadas contemporaneamente podem ser encontradas em: HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 187 p.

Neste âmbito, Marques (2011) narra que a privatização, a expropriação, a proletarização e a financeirização da economia são mecanismos capitalistas de acumulação por espoliação. A estas táticas, Harvey (2004) acrescenta a globalização e as políticas neoliberais, mostrando como a acumulação por espoliação é caracterizada por processos como a privatização, a mercadificação, a financeirização, entre outros.

A privatização do solo degrada a alimentação da população, pois ao restringir o acesso à terra, impulsiona a aquisição de alimentos industrializados através do valor recebido em suas remunerações. Como nem todos os salários pagos contemplam as necessidades básicas dos seres humanos, a alimentação é degenerada em termos qualitativos e quantitativos. Para além, os alimentos industrializados trazem inúmeros malefícios aos organismos humanos, em virtude de seu alto teor de conservantes, açúcares, gorduras e outros nutrientes, conforme aponta Chiavenato (2005).

Conforme aponta Harvey (2004), a acumulação por espoliação é uma característica do período denominado como Novo Imperialismo. Ele utiliza esta expressão para substituir o termo *acumulação primitiva*, criado por Marx, visto que este tipo de acumulação ainda ocorre. As práticas espoliadoras atuam mais sobre as nações periféricas, como as da África Subsaariana.

A biopirataria, a pilhagem, as patentes e licenças de materiais genéticos são formas de espoliação utilizadas atualmente contra populações inteiras. Neste ponto reside o caráter perverso da globalização, pois, conforme expõe Milton Santos (2000), ao integrar os mercados mundo afora através das melhorias nos transportes e nas comunicações, ela possibilita a ampliação da exploração dos povos e nações, bem como da expropriação dos camponeses.

A partir dos anos 1970, com o ápice do neoliberalismo, há o enfraquecimento do Estado-Nação, por causa de aspectos, como a privatização de empresas estatais, a abertura de mercado nas nações socialistas, o fortalecimento das transnacionais (com o Estado cedendo benefícios a elas), entre outros. Destarte, o Estado foi desregulamentado e não diminuído, possuindo no contexto atual, um viés neoliberal. Assim, nos tempos recentes, as ações estatais desregulam as legislações, favorecendo as ações capitalistas. Ademais, o Estado é um dos principais aliados da acumulação por espoliação.

Conforme explana Vergopoulos (1977, p. 158), a pilhagem da agricultura acontece por intermédio da deterioração dos preços agrícolas, da concorrência de produtos livremente importados advindos do exterior e do aumento das imposições sobre os rendimentos, entre outros. Sendo a pilhagem uma forma de espoliação, a assertiva acima ratifica os prejuízos impostos pela acumulação por espoliação aos pequenos agricultores, pois estes normalmente subsistem a partir da venda dos gêneros cultivados em suas propriedades. Se o valor venal destas mercadorias diminui, as condições de vida tendem a deteriorar-se.

Conforme pronunciado por Castro (1957 b), é cientificamente comprovado que o trabalhador faminto, com carências nutricionais, possui rendimento e produtividade inferiores aos do proletário sadio e bem alimentado. Por conseguinte, demonstra-se que a fome implica em prejuízos até mesmo para aspectos de ordem econômica.

No que tange ao vínculo do mote discutido com a economia, Vilas Boas (2013) enfatiza

que hodiernamente a subnutrição ainda incide num elevado número de deficientes físicos e mentais em diversos países mundo afora. Tal fato compromete setores como o econômico e o militar, pois no caso dos alistamentos, muitos candidatos são recusados devido a patologias psicológicas ou físicas, enquanto para a economia, o prejuízo é imenso, pois há redução da força de trabalho disponível para ser alocada nas mais distintas atividades.

Alguns fatores incidem no decréscimo da qualidade da alimentação da população, de forma geral. Alguns deles são abaixo descritos por Josué de Castro (1957 a, p. 260):

Outros fatores trabalharam conexamente para o agravamento da situação alimentar nos últimos anos, destacando-se entre eles o êxodo rural para fornecer mão de obra à indústria urbana melhor remunerada, a falta de combustível suficiente para os trabalhos da lavoura, e, finalmente, a inflação desordenada com a decorrente corrida desenfreada dos preços nos mercados consumidores, de graves conseqüências para a coletividade e sem benefícios de nenhuma ordem para o agricultor, explorado pela rede bem organizada dos intermediários e dos açambarcadores.

O trecho acima transcrito é exemplar para demonstrar como a economia influencia na questão alimentícia, ao arquitetar comentários acerca da inflação. A elevação repentina dos preços dos alimentos componentes da base da dieta da população conduz a uma piora qualitativa na alimentação, porque as pessoas priorizam a tentativa de mantê-la satisfatória em termos quantitativos.

As deficiências alimentares e as moléstias delas derivadas são mais comuns no pobre residente na cidade do que no habitante do campo, pois o camponês possui ainda um pequeno pedaço de terra onde pode cultivar alguns gêneros, ampliando sua diversidade de alimentos consumidos.

Destarte, isso explica, em partes, as razões pelas quais Josué de Castro (1957 a) atribui à urbanização o papel de ocasionar o acréscimo da fome oculta no Brasil. Outra alegação do autor é a de que o elevado preço de alguns alimentos nas áreas urbanas é um empecilho à variedade alimentar de sua população. Justifica-se assim a crítica do autor à pressão exercida pelas indústrias e pela concentração fundiária, impulsionando vários indivíduos ao êxodo rural.

Outro fator que facilita a disseminação da fome oculta é o papel desempenhado pelos meios de telecomunicações, pois estes exibem uma expressiva quantidade de propagandas referentes aos produtos industrializados, pouco nutritivos e muito insalubres, incentivando seu consumo. Chiavenato (2005) relaciona a questão publicitária com o acréscimo no número de obesos no país, porquanto na maioria das regiões metropolitanas, a classe trabalhadora come para saciar a fome, não visando o acúmulo de nutrientes no organismo.

Ingerindo significativas quantidades de embutidos, refrigerantes e outros produtos repletos de açúcares e gorduras, em detrimento de alimentos de alto valor nutricional, como frutas, verduras e legumes, os populares encontram-se comumente apresentando estados de carências nutricionais. Ademais, corroborando tal situação está o fato de que

os produtos industrializados são frequentemente mais baratos em comparação com aqueles mais saudáveis.

Allen e Sachs (2007) enunciam que a inserção da mulher no mercado de trabalho promoveu a ampliação do consumo de alimentos industrializados pré-cozidos, repletos de conservantes. Tal constatação repercute diretamente na qualidade dos alimentos ingeridos, visto que muitos dos elementos usados na conserva dos gêneros alimentícios são maléficos ao organismo humano. Concernindo ao liame entre capitalismo e produção de alimentos, Vilas Boas (2013, p. 38) discorre:

A fome que hoje assola a humanidade e impera pelo globo interessa a uma minoria que detém o capital, comanda direta ou indiretamente a produção mundial de alimentos, e que tem o fenômeno da fome como sendo algo valiosíssimo na manutenção e ampliação das suas taxas de lucro.

Diante de uma realidade caracterizada por relações de desigualdade, os capitalistas possuidores dos meios produtivos decidem quais serão os alimentos produzidos, em quais quantidades e de que maneira isto acontecerá. Nesta contextura, Marx (1983) disserta que a pobreza interessa ao capitalismo, pois ele carece de um “exército de reserva industrial”, ou seja, de um excedente populacional pobre disponível para ser utilizado quando este precisar.

Por conseguinte, entende-se que a pobreza e a desigualdade são essenciais às economias capitalistas. A origem da fome não reside na escassez de alimentos. Entre suas causas está o pauperismo, intensificado pelo modo de produção capitalista, aliado à iniquidade de acesso aos recursos produtivos. Neste sentido, Hiath (2009) ressalta que o problema da fome no mundo não é de produção, mas, de distribuição.

Em consonância com Hiath (2009), disserta-se que atualmente o campo também adere à lógica fordista⁸, instaurando uma produção em larga escala, seja de vegetais ou de gado. Cabe destacar que, de início, o sistema produtivo fordista foi instalado nas indústrias. Gradativamente, ele foi adentrando outros setores produtivos da economia global. Dentre suas principais características, se sobressaem a produção em massa e padronizada, bem como o consumo massificado. No fordismo, há a utilização de

⁸ Alguns comentários acerca do fordismo são válidos. Ele foi um sistema produtivo criado alguns anos após o taylorismo, pelo industrial Henry Ford, que utilizou alguns pontos considerados positivos do taylorismo, como a intensa especialização do trabalho, porém, consertou alguns equívocos que enxergava no taylorismo. Um dos erros que Ford viu no taylorismo era o fato de a produção ser em massa, mas o consumo não. Ford percebeu que de nada adianta uma elevada produtividade, se o consumo também não for alto. Então, ele realizou algumas ações com o intuito de ter uma produção em massa para um consumo em massa. Uma delas foi criar produtos a preços acessíveis para a população em geral, mercadorias que os trabalhadores pudessem de fato consumir. Exemplo nítido disto foi o Ford-T, um carro que custava menos da metade do preço dos demais automóveis da época. A medida mais famosa de Ford para ampliar o mercado consumidor foi aumentar propositalmente o salário dos seus funcionários e reduzir sua carga horária diária de trabalho, para que os trabalhadores pudessem ter tempo e dinheiro para consumir os produtos fabricados pela indústria fordista. Enaltece-se aqui, que algumas consequências do fordismo, em âmbito mais geral, foram a padronização dos produtos (a criação de modelos ou protótipos que deveriam ser seguidos) e o aumento mundial da concentração industrial (com as indústrias passando a se concentrar cada vez mais nos países desenvolvidos, em detrimento dos subdesenvolvidos).

estratégias com a finalidade de promover e ampliar a compra de determinadas mercadorias.

Em seu estudo, Freitas (2003) mostra que muitos dos famintos por ela avaliados revelaram situações de mendicância ou de procura por alimentos no lixo. Neste caso, seres humanos socialmente excluídos, descartados pela lógica capitalista, buscam nos rejeitos da sociedade a sua subsistência. Destarte, a autora atrela a fome à exclusão social.

Em sua obra, Josué de Castro (1957 c) compara o operário a uma máquina, que sem combustível suficiente, não funcionará de maneira adequada. Ele almejou demonstrar que o trabalhador, padecendo de insuficiências nutricionais, não conseguirá render o esperado no trabalho, comprometendo até mesmo a produção. Ademais, percebe-se que o rendimento no trabalho, geralmente braçal, é mínimo naquelas pessoas atingidas pela fome oculta.

O fator pedológico também pode interferir nos quadros de fome oculta, visto que determinados solos possuem maior teor de nutrientes que outros. Assim sendo, nestes fragmentos de terra mais férteis, as partículas do solo realizarão mais trocas iônicas⁹ com as plantas ali cultivadas que, por conseguinte, apresentarão valor nutricional maior que nos demais solos.

Um problema nítido da parcela majoritária das áreas agrícolas brasileiras é o esgotamento dos solos, acarretado pelo uso intensivo dos mesmos, sem preocupação com práticas como a rotação de culturas, o descanso da terra, entre outros estratagemas que visem a manutenção da fertilidade. Ademais, Castro (1957 b) expõe que em muitos locais onde o solo é pobre em iodo, predominam casos de bócio endêmico.

A princípio, vale ressaltar que a fome é algo discutido por diversas áreas do conhecimento, sendo abordada pela ciência, pelo senso comum, pelas artes, pela teologia, pela filosofia, entre outras. Exemplo característico do fato acima exposto é a Bíblia (1990), que traz várias histórias referentes à fome, destacando-se entre elas o relato sobre José (interpretador de sonhos), que salvou o Egito da fome através das suas previsões¹⁰ e que, posteriormente, viera a se tornar rei egípcio. Contudo, apesar de

⁹ Quanto a este tópico, vale acentuar que propriedades como a CTC (capacidade de troca catiônica) e a CTA (capacidade de troca aniônica) são fundamentais à fertilidade do solo. Deste modo, quanto maiores forem estas taxas, mais fértil tende a ser a terra cultivada, pois ela conseguirá trocar mais nutrientes com as raízes das plantas ali estabelecidas. A elevada acidez de alguns solos Brasil afora também abrolha como um empecilho à instalação de lavouras. Neste caso, a calagem, através da adição de calcário ao solo, soluciona o problema, pois ao reduzir o nível de acidez, favorece as trocas iônicas, beneficiando a plantação.

¹⁰ Acerca, vale salientar que José despertou a ira de seus irmãos por sua capacidade de interpretar sonhos, mas também por ser o filho predileto de seu pai, Jacó. Deste modo, ainda menino foi vítima de uma cilada preparada por seus irmãos, que o venderam como escravo para um rico mercador, chamado Potifar. Todavia, ao recusar-se a prestar favores sexuais à esposa deste mercador, ela o acusou de tentativa de estupro, acarretando na prisão de José. Foi justamente na cadeia que sua fama de intérprete de sonhos se disseminou pelo Egito. Certo dia, o faraó sonhara com sete vacas magras devorando sete gordas. Apesar disto, elas mantiveram-se magras. Após apelar a todos os sacerdotes em êxito, o faraó solicitou a José que interpretasse seu sonho. Deste modo, ele lhe disse que a cena sonhada significava que o Egito passaria por sete anos de fartura seguidos de sete anos de um período de severa estiagem, de dificuldades para seu povo. Como modo de recompensar o então prisioneiro pelo préstimo dado, o faraó o presenteia com um

afetar diretamente a vida dos seres humanos e de ser discutida em outros campos do saber, a temática da fome ainda é algo incipiente em discussões científicas.

Prigogine e Stengers (1991) mostram que a ciência atual busca se desvencilhar do legado newtoniano, abrindo espaço à diversidade qualitativa. Advogam também que a ciência não é a fonte de todo o conhecimento. Para além, demonstram como nos últimos tempos o saber científico vem gradativamente se aproximando dos demais saberes.

Destarte, o novo paradigma científico, ainda em estabelecimento, apregoa e valoriza outros tipos de saberes não descritivos, propedêuticos (não científicos). Assim, se distingue do neopositivismo, que coloca a ciência como a única maneira possível para obtenção do conhecimento. Esta nova visão de ciência se abre ao múltiplo, ao diverso, a outras formas de conhecimento, e enfoca as relações e processos, diferenciando-se assim da ciência clássica, caracterizada pelo seu viés teleológico e pela busca de resultados.

A literatura é outra área do conhecimento que abordou com alguma profundidade a problemática da fome, através de escritores estrangeiros como Knut Hamsun, Émile Zola, Franz Kafka, Gabriel García Márquez e Mario Vargas Llosa. Já no cenário brasileiro, realçam-se as obras de João Cabral de Melo Neto, Graciliano Ramos, João Guimarães Rosa, Rodolfo Teófilo, entre outros¹¹.

Ressalta-se que a fome, embora seja um problema predominante nas classes menos abastadas, até pouco tempo era temática de obras literárias escritas, em sua maioria, por membros da burguesia. Retratando aspectos das deficiências alimentícias existentes em todo o Nordeste brasileiro, João Cabral de Melo Neto (2009, p. 87), em seu poema Alto do Trapuá, delinea:

Estranhamente, no rebento
cresce o ventre sem alimento,
um ventre entretanto baldio
que envolve só o vazio
e que guardará somente ausência
ainda durante a adolescência,
quando ainda esse enorme abdome
terá a proporção de sua fome.
Esse ventre devoluto,
depois, no indivíduo adulto,
no adulto, mudará de aspecto:
de côncavo se fará convexo
e o que parecia fruta
se fará palha absoluta.

O ventre crescido ao qual o autor se refere no intervalo mencionado é decorrente da esquistossomose, uma enfermidade vulgarmente conhecida como “barriga d’água”, a qual afeta principalmente populações assoladas pelo pauperismo. A moléstia geralmente é adquirida através do contato com água contaminada, demonstrando que é um problema de saneamento básico. É comum que os indivíduos atingidos por ela

anel, nomeando-o governador do Egito.

¹¹ Adverte-se o leitor que, na tentativa de mencionar alguns dos famigerados literatas que abordam o mote discutido, há o risco de se esquecer de algum nome fundamental que versara sobre o assunto.

apresentem inchaço do abdome, o que explica a alcunha popular conferida à doença.

Outra característica enfatizada pelo escritor é o corpo delgado da maioria dos habitantes do sertão, diariamente atingidos pela escassez quantitativa e qualitativa de alimentos. A fome prevalece nesta região do país, e ao contrário do que muitos disseminam, não é ocasionada por fatores climáticos. Suas causas são iminentemente socioeconômicas.

Por fim, alguns apontamentos são válidos no intento de articular os tipos de fome descritos e discutidos por Josué de Castro com os níveis de insegurança alimentar da Escala Brasileira de Insegurança Alimentar proposta pelo IBGE. Em consonância com os dizeres de Segall-Corrêa (2007), pode-se afirmar de maneira sintética, que a Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA) foi um indicador criado pelo governo brasileiro para mensurar os níveis de insegurança alimentar no território nacional. A EBIA é uma adaptação do índice criado pelo governo estadunidense para avaliação da segurança alimentar nos Estados Unidos. Atualmente, a EBIA possui um questionário com catorze perguntas, indicando quatro possíveis situações: segurança alimentar, insegurança alimentar leve, insegurança alimentar moderada e insegurança alimentar grave.

Destarte, uma correlação pode ser traçada entre o que Josué de Castro (1957 a; 1957 b) denomina como fome global ou total e o estágio de insegurança alimentar grave, segundo os parâmetros da classificação estabelecida pela Escala Brasileira de Insegurança Alimentar (EBIA), visto que nesta categoria, há escassez quantitativa de alimentos, concordando com a definição de fome global ou total utilizada por Castro em suas obras.

Já a situação de insegurança alimentar moderada equivale à fome oculta descrita minuciosamente por Castro, pois nela há deficiências qualitativas na alimentação, embora em termos quantitativos, ela seja suficiente aos indivíduos consumidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de produção capitalista, com a busca pela maximização dos lucros e a exploração da mão de obra, amplia a iniquidade social. Há séculos a perversidade deste sistema é denunciada por autores que desvelam os malefícios do capitalismo. Dentre estes agravos estão os danos à saúde humana, principalmente em virtude das jornadas extenuantes de trabalho ou da imposição de uma alimentação deficitária. Concernindo às dietas, salienta-se que muitos grupos humanos possuem severas carências nutricionais, pois não possuem rendimentos suficientes para um regime alimentar diverso. Tal fato não é fortuito, visto que as diminutas remunerações são pagas no intuito de expandir a mais-valia extraída durante o labor.

A estrangeirização de terras, ao promover a compra de porções férteis de solo em países subdesenvolvidos por Estados desenvolvidos ou empresas com sedes nestes, acentua os quadros de fome em nações já marcadas pelo pauperismo. Esta é apenas mais uma estratégia efetivada pelos capitalistas na procura incessante pelo lucro, a qual engloba também o controle dos meios produtivos, como a terra.

Por conseguinte, a questão do acesso e da distribuição dos gêneros alimentícios é

alarmante no panorama atual, pois impede que bilhões de pessoas tenham uma vida saudável, com víveres que lhes assegurem um bom funcionamento de seus organismos. A disparidade de renda e de acesso aos meios produtivos constitui, portanto, um empecilho à garantia de segurança alimentar das populações, ampliando os casos de fome total e fome oculta na superfície terrestre.

Ademais, os meios de telecomunicação também são utilizados em prol da ideologia capitalista e dos oligopólios da indústria alimentícia. A propaganda midiática, veiculada pelos mais diversos veículos de imprensa, estimula o consumo de produtos pobres em vitaminas e minerais, porém, com elevados teores de gorduras, conservantes químicos, açúcares, entre outros elementos danosos à saúde.

Outrora a fome oculta acometia principalmente indivíduos das classes menos abastadas. Contudo, nos tempos hodiernos, ela assola também pessoas com maior poder aquisitivo, as quais conseguem saciar suas necessidades energéticas no cotidiano alimentar, mas consomem níveis reduzidos de gêneros como frutas, verduras e legumes, cujos índices de nutrientes são altos. Devido à má qualidade dos víveres ingeridos, muitos seres humanos se encontram em quadros de obesidade, enquanto seus corpos sofrem com déficits nutricionais.

Contudo, é válido ressaltar as iniciativas em prol da mudança nos regimes alimentares mundo afora. Neste âmbito, a agroecologia, através de sua ênfase na preservação ambiental e na salubridade dos alimentos produzidos, constitui uma alternativa frente ao agronegócio, cujo controle é das corporações transnacionais que formam verdadeiros oligopólios em setores vinculados à agropecuária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Patricia e SACHS, Carolyn. Women and Food Chains: The Gendered Politics of Food. *International Journal of Sociology of Food and Agriculture*, 2007, vol. 15, n° 1, p. 1-23.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Edição Pastoral. São Paulo: Editora Paulus, 1990. 1.584 p.

BRAVO, Elizabeth. *Agrocombustíveis, Cultivos Energéticos e Soberania Alimentar na América Latina – Aquecendo o debate sobre agrocombustíveis*. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007. 112 p.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Agricultura, escravidão e capitalismo*. Petrópolis: Editora Vozes, 1979. 210 p.

CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. 5ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1957 a. 290 p.

CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome*. 4ª edição, São Paulo: Editora Brasiliense, 1957 b. 555 p.

CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957 c. 213 p.

- CASTRO, Josué de. *Homens e caranguejos*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003. 112 p.
- CASTRO, Josué de. Fome como força social: fome e paz. En: FERNANDES, Bernardo Mançano e PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. (Orgs.) *Josué de Castro: Vida e obra*. 2ª Edição Revisada e Ampliada São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007. p. 153-164.
- CHIAVENATO, Júlio José. *O Massacre da Natureza*. 2ª edição reformulada. São Paulo: Editora Moderna. (Coleção Polêmica), 2005. 134 p.
- DEFFONTAINES, Pierre. *Géographie et religions*. Paris: Gallimard, 1948. 439 p.
- ENGELS, Friedrich. *A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*. (Tradução: Rosa Camargo Artigas e Reginaldo Forti). São Paulo: Editora Global, 1985. 391p.
- FAO. *Global Food Security Index 2013 - An Annual Measure of the State of Global Food Security*, 2013. 44 p.
- FAO. *The State of Food Insecurity in the World - Strengthening the Enabling Environment for Food Security and Nutrition*. Roma, 2014. 57 p.
- FREITAS, Maria do Carmo Soares de. *Agonia da fome*. Rio de Janeiro e Salvador: FIOCRUZ e EDUFBA, 2003. 276 p.
- FREYRE, Gilberto. *Nordeste*. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1961. 186 p.
- GUEDES, Pedro Arthur Braune. *Crise dos preços dos alimentos de 2007-2008 – Uma análise crítica*. Monografia de Bacharelado em Geografia. Departamento de Geociências. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2011. 73 p.
- HAMSUN, Knut. *Fome*. São Paulo: Círculo do Livro S. A., 1977. 160 p.
- HARVEY, David. *O Novo Imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 187 p.
- HARVEY, David. *O Enigma do Capital e as crises do capitalismo*. São Paulo: Editora Boitempo, 2011. 240 p.
- HIATH, Marcos. Terra dos Homens, Terra da Fome: Ensaio Relacionando a Obra de Josué de Castro com a Assimétrica Geopolítica da Carne. En: *Anais do XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária*. São Paulo, 2009, p. 1-18.
- HOUAISS, Antônio. e VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. 1986 p.
- MALTHUS, Thomas Robert. *Ensaio sobre população*. São Paulo: Abril Cultural (Coleção “Os economistas”), 1983. 384 p.

MALUF, Renato S. e SPERANZA, Juliana. *Volatilidade dos preços internacionais e inflação de alimentos no Brasil: Fatores determinantes e repercussões na segurança alimentar e nutricional*. Secretaria Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional. Brasília, 2013. 148 p.

MARQUES, Marta Inez Medeiros. *O Novo Significado da Questão Agrária*. Texto de Apoio ao Curso de Graduação em Geografia. São Paulo: USP, 2011. Disponível em: <http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Marta/2011/2semestr e/8_Marques_questao_agraria_e_regime_alimentar.pdf>.

MARX, Karl. *O Capital (Crítica da Economia Política) – Livro 3 - O Processo Global de Produção Capitalista*. Volume VI. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1983. p. 705-1.079.

McMICHAEL, Philip. A food regime analysis of the ‘world food crisis’. *Agricultural Human Values*, 2009, vol. 26, n° 4, p. 281-295.

MELO NETO, João Cabral de. “Alto do Trapuá” En: *Morte e vida severina: e outros poemas*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009, p. 85-88.

PEITER, Paulo Cesar. *A Geografia da Saúde na Faixa de Fronteira Continental do Brasil na Passagem do Milênio*. Tese de Doutorado em Geografia. UFRJ. IGEO/PPGG. Rio de Janeiro, 2005. 334 p.

PICCHI, Bruno. As duas novas Leituras do Homem-caranguejo de Josué de Castro. En: GODOY, Paulo Roberto Teixeira de (Org.). *História do pensamento geográfico e epistemologia em geografia*. 1ª edição. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, vol. 1, p. 259-276.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter e ALENTEJANO, Paulo. Geografía Agraria de la Crisis de los Alimentos en Brasil. *Mundo Siglo XXI – Revista del Centro de Investigaciones Económicas, Administrativas y Sociales del Instituto Politécnico Nacional*, 2010, vol. 20, p. 39-54.

PRIGOGINE, Ilya. e STENGERS, Isabelle. *A Nova Aliança: metamorfose da ciência* Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1991. 247 p.

SANTOS, Milton. *Por Uma Outra Globalização: do pensamento único ao pensamento universal*. São Paulo: Editora Record, 2000. 174 p.

SEGALL-CORRÊA, Ana Maria. Insegurança alimentar medida a partir da percepção das pessoas. *Estudos Avançados*, 2007, vol. 21, n° 60, p. 143-154. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v21n60/a12v2160.pdf>>.

SIMONCINI, João Batista Villas Boas; MAIA, Haline Aparecida de Oliveira; MAZETTO, Francisco de Assis Penteado. Fome oculta. *Revista de Geografia PPGEO-UFJF*, 2011, p. 1-8. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistageografia/files/2011/06/Revista-Geografia-2011-Mazetto.pdf>>.

VERGOPOULOS, Kostas. Capitalismo disforme (O caso da agricultura no capitalismo). En: *A Questão Agrária e O Capitalismo*. AMIN, Samir e VERGOPOULOS, Kostas. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1977, p. 43-179.

VILAS BOAS, Lucas Guedes. *Uma análise crítica da Geografia da Saúde através dos indicadores: Fome e SIDA/AIDS*. Monografia de Bacharelado em Geografia. Departamento de Geociências. Instituto de Ciências Humanas. Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013. 93 p.

© Copyright Lucas Guedes Vilas Boas y Revista *GeoGraphos*, 2016. Este artículo se distribuye bajo una Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.



GIECRYAL

GRUPO INTERDISCIPLINARIO DE
ESTUDIOS CRÍTICOS Y DE AMÉRICA LATINA